



A ERA PT E A NECESSIDADE DE APAGÁ-LA ENQUANTO SÍMBOLO DE AVANÇOS E CONQUISTAS SOCIAIS

THE "PT ERA" AND THE NEED TO ERASE IT OFF AS A SYMBOL OF SOCIAL ADVANCES AND ACHIEVEMENTS

Beatriz Carvalho da Silva¹

Rhayller Peixoto da Costa Souza²

Resumo

Este trabalho busca cobrir a consolidação da Era PT, desde 2006 até o seu recente fim, em 2016, e acompanhar o discurso midiático e o da oposição nesse período. Entende-se a consolidação iniciada em 2006 com a reeleição de Lula, quando já não há transição e é possível compreender melhor a proposta de governo e de agenda do partido, assim como o fim em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff. O trabalho analisa principalmente dez manchetes da Folha de São Paulo ao longo dos anos e as disputas de segundo turno de 2006, 2010 e 2014, levando em consideração o que é exposto pelos dois partidos e dados que explicitem o avanço real do país nesses anos.

Ao analisar as capas de três jornais impressos, o ponto de partida é uma data: 1^a de setembro, de 2006 a 2016. As escolhidas Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e a Revista Veja foram parte importante do discurso midiático envolvendo o Partido dos Trabalhadores nesse período, tecendo críticas ao seu modelo de governo. Em alguns momentos Lula é mostrado exercendo o cargo com êxito nas manchetes. A mudança evidencia uma flexibilidade na veiculação de algumas notícias, em especial as que se referem à economia, pela crise de 2008. O diálogo entre leitor e imprensa teve forte apelo durante o ano eleitoral de 2010. Os próximos anos seriam de intensas críticas ao petismo.

Ao longo desses anos, o PT adotou políticas sociais e um modelo de governo no geral muito criticados pela oposição e pela grande imprensa, tanto na época em que o governo

¹ Aluna de graduação. E-mail: beatriz.silva@ichca.ufal.br. Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

² Aluno de graduação. E-mail: rhayllerpeixoto@gmail.com. Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



tinha força, quanto nos dias atuais, em que há uma forte narrativa para que os holofotes ao redor do partido que ocupou a presidência por quatro mandatos seguidos se apaguem.

Palavras-chave: Conquistas sociais, Discurso midiático, Partido dos Trabalhadores

Abstract

This work seeks to cover the consolidation of the PT Era, from 2006 until its recent end in 2016, and to follow the media and opposition discourse in that period. In this article, consolidation begins in 2006 with the re-election of Lula, when there is no transition and it is possible to better understand the proposal of the party's government. The end is in 2016 with the impeachment of Dilma Rousseff. The article analyzes mainly ten Folha de São Paulo headlines over the years and the second round disputes of 2006, 2010 and 2014, taking into account what is exposed by the two parties and data that explain the real progress of the country in those years. Analyzing the covers of three printed newspapers, the starting point is a date: September 1, 2006 to 2016. Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo and Veja were an important part of the mediatic discourse involving the Partido dos Trabalhadores (Workers Party) during this period, criticizing its model of government. In some moments Lula is shown as successful in the headlines. The change shows a flexibility in the transmission of some news, especially those referring to the economy, by the crisis of 2008. The dialogue between the reader and the press had a strong appeal during the electoral year of 2010. The next years would be of intense party criticism. Over the years, PT has adopted social policies and a model of government that has been heavily criticized by the opposition and the mainstream press, both at a time when the government was strong, and in the present day. There is a strong narrative that the party that has held the presidency many years be erased.

Keywords:

Midiatic Speech, Partido dos Trabalhadores, Social Achievements



Introdução

O estudo apresentado visa tratar da Era PT e seu fim midiático. Consideramos aqui o começo da era como a reeleição do presidente Lula e o início do seu segundo mandato, onde já há uma consolidação do governo e de sua agenda. Consequentemente, consideramos que o fim é o desfecho do impeachment da presidenta Dilma, democraticamente eleita e retirada do poder através da articulação do vice-presidente Michel Temer e de outro membro do partido (PMDB), o deputado cassado que presidia a Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha.

Os dados aqui apresentados como avanços da Era PT abrangem desde o seu começo, no ano de 2003, com a primeira eleição conquistada por Lula, até o fim no ano de 2016, com o impeachment de Dilma. Nas capas de jornais estudadas e nos vídeos analisados, o ponto de partida é o ano eleitoral de 2006, levando em conta que a consolidação dessa Era ocorreu com a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva.

No primeiro momento, identificamos as conquistas sociais que, por meio da nova política, têm sido aliadas a um governo e partido: PT. Aqui, buscamos identificar as ações na grande mídia e nos vídeos de campanha dos partidos de oposição ao longo dos anos na construção da onda antipetista, que lançou mão de boicotes e notícias pouco apuradas.

A metodologia consistirá na análise de vídeos veiculados pelo PT e seus adversários no segundo turno das campanhas no âmbito federal de 2006, 2010 e 2014. A partir delas, analisaremos as informações veiculadas pela grande imprensa. Em desfecho, verificaremos as tentativas recentes dos veículos midiáticos de desmerecer os avanços sociais, se alinhando ao discurso dos partidos de oposição.

OS AVANÇOS E CONQUISTAS DA ERA PT

Observa-se ao longo dos anos da gestão petista o ingresso do país entre as maiores economias mundiais, chegando a ocupar até o sétimo lugar, em comparação com o ano de 2002, onde o país era o décimo terceiro. A média de expansão da economia no governo petista foi de 2,9%, contra os 2,5 da era FHC, chegando a 2,4% na recessão em 2016. As investigações da Lava Jato e o cenário político de instabilidade também colaboraram para essa queda.



O combate à pobreza e o aumento do IDH foi significativo nas gestões petistas, o país iniciou a virada do século com IDH de 0,649 e chegou a 0,755 nas atuais gestões. O bolsa família é reconhecido pela ONU como um programa social bem sucedido para a distribuição de renda, retirando 5 milhões de brasileiros da extrema pobreza. Também podemos considerar direta ou indiretamente, o programa como um importante agente no aumento da escolaridade no país e no acesso ao ensino.

A educação do país a nível internacional ainda é considerada ruim, em 2000, primeiro ano em que o Brasil fez parte do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), o país ocupou a última posição entre 32 nações. Em relatório publicado em 2013, analisando 65 países, o Brasil alcançou o 55º lugar no ranking de leitura, 58º no de matemática e 59º no de ciências. Foi um avanço tímido, pois em nível nacional o país ainda passava por dificuldades como facilitar o acesso ao ensino, fosse ele básico, fundamental, médio, técnico ou superior. A cobertura, o acesso e a formação escolar do brasileiro aumentou nos últimos anos, mas a qualidade desse ensino ainda requer investimentos.

A desigualdade, medida pelo índice de Gini (que vai de 0 a 100, sendo 0 a igualdade total e 100 extrema desigualdade) era de 58,6 em 2002 e chegou em 52,9 em 2013. Em 2014 um cálculo da ONU apontou que esse número seria de 45,9. Esse fator foi relacionado ao aumento do salário mínimo (mais de 80% entre 2003 e 2010), a formalização do mercado de trabalho (com auxílios como a PEC das domésticas, por exemplo) e os programas de transferência de renda, financiamento estudantil, e aumento progressivo de cotas no ensino superior, o que facilitou o acesso das minorias.

O combate à corrupção também aumentou. Embora não seja possível medir se há ou não mais corrupção hoje ou nos governos anteriores, a investigação é muito maior nos dias atuais e afeta os membros do partido no poder, como não se via afetar nas gestões anteriores e não se vê no âmbito dos estados. Temos hoje a lei contra a lavagem de dinheiro, a lei anticorrupção, a lei da ficha limpa, a lei de acesso à informação. Vivemos a autonomia do judiciário e de órgãos investigadores como o Ministério Público e a Polícia Federal.

Criou-se nas gestões petistas uma nova classe média, sendo boa parte dela consolidada e 38% considerada vulnerável, porcentagem essa que poderia voltar para a pobreza. Os índices de pobreza caíram pela metade no país. Essas políticas, de acordo



com especialistas, colaboram para potencializar mudanças estruturais, sendo esse o grande legado do PT.

ANÁLISE DE VÍDEOS DE CAMPANHA

Os vídeos de campanha analisados dos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) são todos do último horário político do segundo turno de cada eleição. Dessa forma, há aqui análises dos embates entre Lula e Alckmin em 2006, Dilma e Serra em 2010 e Dilma e Aécio em 2014. É possível perceber nas campanhas da oposição um ataque mais firme contra a biografia dos candidatos e um forte apelo para instituições como a igreja e a família, recorrendo até mesmo a figuras influentes no meio religioso nessas campanhas finais.

Na eleição de 2006, o PSDB apoiou-se em questões de valores, família e na vida pública de mais de trinta anos de Geraldo Alckmin, médico de formação. Suas atuações como deputado são enaltecidas, apesar de sua gestão nesse âmbito coincidir com a do presidente Lula, que buscava a reeleição e implementou as propostas apresentadas pelo então deputado. Há críticas sutis à falta de experiência do partido e da figura do presidente em exercício, apresentadas em contraponto com a vivência política extrema do candidato do PSDB. Também há críticas aos escândalos de corrupção que estouraram na época (mas não afetaram a reeleição do presidente por conta do cenário econômico favorável), e Geraldo Alckmin se propõe a fazer uma gestão "sem mentiras".

Enquanto a fala do candidato do PSDB é conservadora e voltada aos valores tradicionais da família, a do presidente Lula é mais progressista. Esse último programa é quase que inteiramente voltado para a mulher: fala sobre linha de crédito, igualdade, proteção, justiça social, a criação de leis para diminuir a violência doméstica no país e de programas que facilitem a renda e a aquisição de bens pela brasileira. A valorização das minorias ocorre até mesmo na escolha dos apresentadores do programa, aqui um jovem e um descendente de índios.

No programa de Lula em 2006 há o apoio de figuras renomadas no meio artístico e acadêmico, e um espaço significativo para a fala de Manuela d'Ávila, do PCdoB, sendo a mais jovem vereadora eleita em Porto Alegre no ano de 2004, com um discurso de reafirmação a tudo o que foi apresentado no programa: que hoje no país há espaço para a mulher e para o jovem, e que dessa forma podemos pensar na democracia como



uma forma de integrar a sociedade inteira, sem marginalizar determinados grupos, e consequentemente ter esperança e futuro como nação.

A campanha presidencial de 2010 foi disputada no segundo turno entre Dilma e José Serra, novamente a polarização PT e PSDB. Aqui, José Serra (uma figura já conhecida do eleitor paulista) tenta se desvencilhar de sua imagem tão frequentemente associada à elite paulistana. Serra, que também é médico de formação, passa a adotar a identidade de “Zé Serra” nessa campanha, numa tentativa de se aproximar mais do povo e das identidades construídas pelo atual partido no poder, que tratou nas quatro campanhas vitoriosas seus candidatos pelo primeiro nome. Há um foco na saúde materna e na educação e profissionalização do jovem. Muito provavelmente essas pautas foram abraçadas ao verificar o sucesso da campanha anterior do PT, que dialogava fortemente com esse público.

Na campanha de 2010 do PSDB também há o apelo familiar, o apreço pela biografia e pela trajetória política do candidato e investidas contra a biografia da candidata Dilma Rousseff, do PT. Nesses ataques fala-se muito da vida pública de José Serra e o eleitor é questionado onde estava Dilma Rousseff enquanto o candidato do PSDB atuava tão intensamente em diversas áreas da política e na militância desde muito jovem. O próprio jingle do candidato tucano fazia essa comparação entre sua vasta experiência em cargos eleitos e a pouca experiência da candidata petista, com a letra: *“quando se conhece bem uma pessoa / logo se sabe se é gente boa / com Serra essa certeza a gente tem / Serra é do bem, Serra é do bem”*. Pois o brasileiro o conhecia e não conhecia Dilma.

A propaganda de Dilma enaltecia bastante as conquistas do governo Lula, focava no programa Luz Para Todos, gratuito, como não seria na época de FHC, que segundo a petista gostaria de cobrar dos mais pobres. A candidata aproveitou o espaço para explicar sua biografia, falar de sua luta contra a ditadura desde muito nova. Como mulher, foi a primeira a ocupar muitos cargos na política. Dilma promove um projeto de país que seja capaz de crescer e distribuir renda. Que atenda o jovem e as mulheres. Defende a não privatização do pré-sal, propõe que os lucros retornem para a população na forma de serviços e afirma que as obras do governo não estão paradas como diz a oposição.



Em 2014, a campanha de Aécio afirma que os valores no país estão se perdendo. O candidato do PSDB utiliza o termo "gigante" para se referir ao país, que emplacou nas manifestações pelo impeachment no ano seguinte. O "Muda, Brasil" utilizado na campanha como referência ao avô, dá a ideia de que estamos passando por um período político no país tão terrível quanto uma ditadura. Há aqui espaço para a edição da *Veja* na véspera, com a mensagem "eles sabiam de tudo", que acusa o Planalto de envolvimento com esquemas de corrupção.

Já na campanha do PT, há mensagens de esperança, de continuidade, mesmo em tempos de crise. Há foco na biografia de Dilma, colocada como um exemplo de superação, seja pela sua luta política ou pela superação do câncer. A candidata é apoiada pela classe artística e intelectual, mas figuras dessas áreas também marcam presença na propaganda da oposição. O partido defende a proposta de que o país está mudando para dar oportunidade aos mais pobres e tirar as pessoas da miséria, e essa transformação de vida tem foco nos jovens e nas mulheres.

ERA PT E DISCURSO MIDIÁTICO

A segunda seção deste artigo busca analisar as manchetes de três jornais durante o período de 10 anos (2006-2016). Para isso um dia específico foi escolhido aleatoriamente: 1º de setembro. O primeiro jornal a ter a capa analisada foi *O Estado de São Paulo*, sendo as restantes edições do jornal *Folha de São Paulo* e da *Revista Veja*.

As análises serão feitas à luz das concepções de signo de Charles Peirce. Para linguista, signo é tudo aquilo que está no lugar de outra coisa num certo sentido, é o mediador entre o objeto e o interpretante. O modo de entender o signo aparece para Peirce e três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade. Primeiridade é a qualidade do sentimento, a descrição reconstituída nas palavras pela qualidade das coisas. Secundidade é a ação, a reação causada pelo signo em conflito com o interpretante. A terceiridade é a dissertação e argumentação a partir de conceitos gerais, a camada de inteligibilidade, ou pensamentos de signos com a qual interpretamos o mundo (SANTAELLA, 1983, p. 31)



A capa da Veja foi lançada às vésperas da eleição, com os dizeres “Eles Sabiam de Tudo” entre as imagens de Lula e Dilma. Dessa forma, a publicação afirma que todos os escândalos de corrupção que ocorreram no governo eram de conhecimento do Planalto.

Em 12 de maio de 2016, o Estado de São Paulo publicou a capa “A Chance de Temer”, com tom esperançoso. No alto do caderno de política e outras áreas de notícia há a mensagem “O Fim da Era PT - 2003 - 2016”, já confirmando a saída do PT do poder antes do término do processo de impeachment.

O Estado de S. Paulo, 1º de Setembro de 2006

A matéria principal sinaliza para um baixo crescimento do produto interno bruto (PIB) no terceiro trimestre do ano, comparando-o com os dois períodos anteriores. A declaração da oposição em destaque aponta para uma incompetência da gestão do então presidente. No entanto, as explicações da matéria para o crescimento desacelerado nos mostram que fatores como alta do dólar, a copa do mundo e a greve dos auditores da receita federal contribuíram com a baixa do PIB.

Folha de São Paulo, 1ª de setembro de 2007

A entrega do plano orçamentário do ano de 2008 é o assunto principal da edição. A apresentação das reformas traz a alta nos investimentos no Ministério da Defesa e em pastas da área social, ao mesmo tempo em que aponta uma possível elevação nos impostos decorrentes da proposta. Há uma dualidade no que se refere aos investimentos, uma vez que a matéria mostra o preço que o novo plano irá custar à população.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2008

Nessa capa Lula é mostrado como um mediador de problemas no caso dos grampos ilegais. O ex-presidente procura dialogar com os envolvidos e se propõe a abrir uma investigação para descobrir a mando de quem e com que equipamentos a escuta ilegal foi feita. É importante ressaltar o momento em que o Lula foi retratado como um gestor que dialoga com os setores para uma solução mais eficaz dos problemas. No ano em vigor (2008), mesmo em meio a uma crise internacional, chamada de “marolinha”, o Brasil apresentava bons índices de desenvolvimento.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2009



A proposta do governo é recebida com êxito pelo jornal. No entanto, há uma divergência das opiniões de especialistas em relação a um sucesso do pré-sal. Acredita-se que as coisas tanto podem vir a melhorar quanto dar errado. De qualquer forma, a matéria traz um tom de apresentação do projeto, focando no otimismo de Lula ao apresentar o grande investimento e em seu final mostra um lado cômico ao falar da relação entre presidente e congresso.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2010

No auge da campanha para presidente da república a filha de José Serra teve os dados fiscais acessados por uma agência da Receita Federal. Ela e outras pessoas ligadas ao PSDB foram confirmadas por uma funcionária da Agência Mauá, que ratificou a quebra de sigilo. O candidato à Presidência, José Serra, lamentou o ocorrido em rede nacional e negou que sua filha tivesse autorizado qualquer entrada em suas contas pessoais. É importante ressaltar o embate, ainda que de modo indireto entre governo e oposição, o que é bem comum em períodos eleitorais.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2011

A manchete aponta para economia e a pressão sofrida pelo Banco Central para abaixar os juros e se adequar à situação conforme a crise econômica internacional. Apesar disso, é mostrado que o Brasil pode usar a baixa na taxa para minimizar os efeitos sem aumentar a inflação. A medida não foi aprovada com unanimidade pelos diretores do BC. A ex-presidenta Dilma é citada na matéria apenas como a pessoa que anunciou que o país estava preparado para a redução. A opinião do jornal tenta mostrar esse panorama, indicando que a queda não significa um grande avanço uma vez que em poucos anos se teve um aumento significativo nos juros, como mostrado no gráfico.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2012

A matéria mostra que apesar das medidas a fim de alavancar o PIB, ele sofre uma lentidão significativa, a maior sequência desde o plano real. A fraca reação aos estímulos do governo fez com que o Brasil só estivesse acima dos países europeus em crise e apesar de admitir o momento crítico, Guido Mantega, Ministro da Fazenda, se mostra otimista em relação ao crescimento ao contrário dos empresários da indústria, setor afetado pelo crescimento desacelerado. Para eles apenas em 2013 haveria um crescimento significativo.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2013



A capa não tem uma situação política nacional no centro. Desta vez a questão EUA/Síria foi abordada, quando Obama dá as ordens de invasão de tropas norte-americanas no país. No entanto um dossiê médico é apresentado pelo jornal buscando informar sobre o programa Mais Médicos. Nele são apresentados o lado da médica cubana que vê na oportunidade de trabalhar no Brasil uma ascensão financeira que não alcançaria em seu país e negação de que haja trabalho escravo no Mais Médicos. Ao mesmo tempo também indica uma estagnação do plano de carreira dos médicos do Brasil, numa tentativa de trazer à discussão a eficácia de um programa que emprega profissionais de outro país mas que não tem condições de fornecer melhores condições aos médicos brasileiros.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2014

O confronto entre TAM, INFRAERO e AIRBUS devido ao acidente de 2007 é a chamada principal.

Por conta da morte do candidato Eduardo Campos, as seções políticas principais foram dedicadas à apuração da compra do avião em que estavam o político e membros de sua campanha eleitoral e em sua vice-presidente, atual presidenciável em seu lugar, Marina Silva. A ligação religiosa da candidata é explorada, onde ela afirma usar da bíblia para tomar decisões.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2015

A manchete evidencia a má gestão de Dilma Rousseff ao mostrá-la apelando ao Congresso que apresentassem propostas para a questão do rombo fiscal. A carga tributária apresentada ao Congresso a fim de minimizar o déficit orçamentário previsto para 2016 faz com que o governo dependa ainda mais do PMDB e sua forte representação nas bancadas de senadores e deputados. Ao mesmo tempo que a administração fraca é exposta com o pedido de auxílio, a oposição tece críticas ferrenhas ao modo de governar que levou o país a esse estado, dizendo que a presidente não soube cortar gastos e agora dá ao congresso a missão de resolver os problemas. Michel Temer, então vice-presidente em exercício, critica decisões do governo numa reunião com empresários em SP mostrando que seus laços com a gestão da qual faz parte estão abalados. José Dirceu é mostrado enquanto réu na operação Lava Jato.

Folha de São Paulo, 1º de setembro de 2016



O fim do processo do Impeachment de Dilma Rousseff. Foram 61 votos a favor e 20 contra, destituindo-a do cargo de presidente da República no mandato iniciado em 1 de janeiro de 2015. A manchete traz uma cobertura detalhada sobre o processo, atentando-se para os crimes de responsabilidade que a tornaram ré. O fato da ex-Presidenta ter mantido seus direitos de exercer cargos públicos é mostrado como uma articulação da qual Michel Temer, agora presidente da República, não tinha ciência. Frisar o fim da “Era PT” após 13 anos comandando a cadeira presidencial se mostra tão necessário quanto apontar os novos rumos do país. As expectativas se voltam agora para Michel Temer, que assume o posto com a missão de alavancar a economia e reformar o sistema previdenciário. O anúncio do cumprimento de sua agenda evidencia isso, o exercício de um presidente e uma nova era na política brasileira.

A narrativa midiática apresentada pelas capas de jornal analisadas dialogam com o signo por trabalharem a imagem do PT em contextos diferentes para consolidar uma imagem referente ao posicionamento adotado pelos veículos. A ideia de signo convencional indica diversas concepções a partir de um signo, como aponta Santaella

Se o signo for convencional, ou seja, signo de lei, por exemplo uma palavra ou frase, o interpretante será um pensamento que traduzirá o signo anterior em um outro signo da mesma natureza e assim *ad infinitum*. Este outro signo de caráter lógico é o que Peirce chama de interpretante em si. Este consiste não apenas no modo como sua mente reage ao signo, mas no modo como qualquer mente reagiria, dadas certas condições. Assim, a palavra casa produzirá como interpretante em si outros signos da mesma espécie: habitação, moradir, lar, “lar-doce-lar”, etc. (SANTAELLA, Lucia, 1983. p.38)

A aplicação do signo convencional na palavra PT é importante para entender o discurso dos veículos e seu poder de associação por meio do signo. Essas associações são responsáveis pela relação de vínculo entre o PT e palavras como corrupção, Petrobrás e lava-jato. Na análise final a sigla toma três significados: na primeiridade remete à sua descrição, na secundidade ela é o confronto que a diferencia, portanto, o Partido dos Trabalhadores e na terceiridade é o significado que se atribui mediante sua retratação vinculada aos variados temas no qual foi manchete nos últimos anos.

CONCLUSÃO

As análises apresentadas evidenciam aspectos determinantes na representação de qualquer noticiário político: relação mantida entre base governamental, eleições e



principalmente a economia são fatores determinantes para qualquer leitura de cunho político.

Todos os mecanismos utilizados pelos veículos midiáticos para alavancar a audiência ou dar visibilidade a uma manchete de jornal seguem critérios que buscam acima de tudo a aceitação do leitor médio. Por isso se faz necessário o cuidado ao trazer as disputas partidárias em momentos certos, assim como apresentar gestores e chefes de estado como mocinhos ou vilões conforme a situação política. É perceptível nas amostras estudadas que a mídia fez um papel similar ao da oposição ao longo dos anos, deixando de lado as informações sobre os avanços ocorridos nos anos de governo e martelando sempre aspectos negativos da economia, mesmo que os indicadores evidenciem avanços. Existe, acima de tudo, um jogo de conceitos quando cruzamos política e mídia.

REFERÊNCIAS

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

Capa da revista Veja em 25/10/2014. Disponível em: <http://inguol.com/c/noticias/2014/10/24/capa-da-veja-divulga-a-menos-de-72-horas-da-eleicao-1414146902852_300x420.jpg>. Acessado em: 22/09/2016.

Dilma Presidenta - Programa Eleitoral 2º Turno - 24/10/2014 (Noite - Último Programa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i0wP7f1pXKU>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2007. Ano 87. nº 28.640. Disponível em: <<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/8/41/38/22/5223841/600/5223841.jpg>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2008. Ano 88. nº 29.006. Disponível em: <<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/8/13/98/31/5319813/600/5319813.jpg>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2009. Ano 89. nº 29.371. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2010. Ano 90. nº 29.736. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2010/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2011. Ano 91. nº 30.101. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2012. Ano 92. nº 30.467. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2012/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.



Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2013. Ano 93. nº 30.832. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2014. Ano 94. nº 31.197. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2015. Ano 95. nº 31.532. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

Folha de São Paulo. 1º de setembro de 2016. Ano 96. nº 31.928. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/09/01/2/>>. Acessado em: 22/09/2016.

MUNDIM, Pedro Santos. Um modelo para medir os efeitos da cobertura da imprensa no voto: teste nas eleições de 2002 e 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762010000200005>. Acessado em: 22/09/2016.

O Estado de S. Paulo. 1º de setembro de 2006. Ano 86. nº 41226. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060901-41226-nac-1-pri-a1-not>>. Acessado em: 19/09/2016.

O Estado de S. Paulo. 12 de maio de 2016. Ano 137. nº 44767. Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/-h1kk75PBCcs/VzRpOWVwAVI/AAAAAAACMmE/AbzHPU_aNAEGHeKSeJsU4WMvnNHuJYafwCKgB/s1600/capa%2Bestadao.jpg>. Acessado em: 22/09/2016.

O legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru>. Acessado em: 22/09/2016.

Programa Geraldo Alckmin Noite 27/10/2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1OwZQm5emno>>. Acessado em: 22/09/2016.

Último Programa de Lula no segundo turno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EuHB_9E4AWM>. Acessado em: 22/09/2016.

Último Programa Eleitoral da Dilma. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16O514tg3_o>. Acessado em: 22/09/2016.

Último Programa Serra Presidente - 29/10 (noite) NOVO! HD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vnvFW5tVOdc>>. Acessado em: 22/09/2016.

Veja o último programa eleitoral de Aécio Neves antes da eleição (24/10/2014). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wG5rxLI13q0>>. Acessado em: 22/09/2016..